

## **A perversidade da gestão e barbárie social: o cinema como recurso de análise crítico-sociológico**

Bruno Chapadeiro Ribeiro<sup>1</sup>

### **Resumo**

Buscamos analisar a perversidade da gestão no capitalismo global através de dinâmicas de análise crítica de filmes. Adotamos a metodologia *Tela Crítica* em que o analista elabora a análise crítica do filme surgindo importantes *insights* teóricos que são um exercício pleno do que podemos chamar de 'imaginação sociológica'. O eixo temático em questão é de suma importância no quesito do cinema como experiência crítica capaz de devolver à arte cinematográfica à possibilidade de nos redimir da barbárie social que aflige hoje, a civilização do capital nos marcos da crise e das novas formas de gestão do trabalho no capitalismo global.

**Palavras-chave:** Trabalho; Gestão; Saúde; Subjetividade; Cinema.

### **Abstract**

We analyze the perversity of the management in the global capitalism through dynamic critical analysis of films. We adopt the *Tela Crítica* methodology in which the analyst develops a critical analysis of the film emerging important theoretical insights that are a full exercise of what we call 'sociological imagination'. The main theme in this question is of paramount importance in the question of cinema as a critical experience able to give the cinematic art the possibility of redeeming us from the social barbarism that nowadays afflicts the civilization of capital within the mark of the crisis and of the new forms of labor management in global capitalism.

**Keywords:** Labor; Management; Health; Subjectivity; Cinema.

## **Introdução**

Em sua *Ontologia do ser social*, Lukács (1976) distingue a posição teleológica primária da posição teleológica secundária em que a primeira caracteriza o trabalho que diz respeito a ação do homem sobre a natureza ao passo que a segunda diz sobre a ação do homem sobre outro homem (ou sobre si mesmo), ou seja, um traço distintivo da esfera da ideologia. A medida em que se desenvolve o complexo do trabalho no

---

<sup>1</sup> Psicólogo, mestrando em Ciências Sociais pela UNESP-FFC-Marília. Email: [brunochapadeiro@yahoo.com.br](mailto:brunochapadeiro@yahoo.com.br). **Professor-orientador:** Prof. Dr. Giovanni Alves, sociólogo, livre-docente em teoria sociológica pela UNESP-FFC-Marília. Email: [giovanni.alves@uol.com.br](mailto:giovanni.alves@uol.com.br)

capitalismo global, amplia-se o campo das posições teleológicas secundárias de forma que a ideologia propriamente dita (ação do homem sobre outro homem ou sobre si) assuma um sentido negativo derivado da produção/reprodução do capital.

A hegemonia dominante da ideologia gerencialista no capitalismo global torna-se um novo poder de controle que surge do desenvolvimento da forma de organização do trabalho adotada pelo toyotismo. É um poder difícil de ser contestado, pois os conflitos se colocam no nível psicológico em termos de insegurança, de sofrimento psíquico, de esgotamento profissional de perturbações psicossomáticas, de depressões nervosas. Essa dominação gerencialista prega a adesão voluntária à sanção disciplinar, fazendo com que o trabalho se torne o lugar da realização do sujeito em si e é de difícil contestação porque opera na interioridade do indivíduo, o que faria com que ele se contestasse a si próprio<sup>2</sup>.

Assim, o espírito do toyotismo enquanto modelo predominante do sistema produtor de mercadorias cria mecanismos que visam estimular o desenvolvimento da "iniciativa", da "capacidade cognitiva", do "raciocínio lógico", do "potencial de criação" e principalmente da "competição", para que os trabalhadores sejam capazes de dar respostas às situações-problemas oriundas do ambiente da produção imersa em um contexto por si só altamente competitivo e flexível.

Da mesma forma que propicia certa autonomia e dá certo poder de decisão aos trabalhadores, a gestão toyotista também necessita manter um controle direto sobre a atuação dos mesmos, o que leva a fazer com que estes assimilem e incorporem suas regras de funcionamento como elemento de sua percepção, chegando, num último estágio, ao reordenamento da subjetividade dos trabalhadores, visando garantir a manutenção das normas empresariais (HELOANI, 2003, p. 106)<sup>3</sup>.

Ora, o que o capital não consegue eliminar, ele tende a manipular. Eis, portanto o sentido da manipulação sistêmica do capital e do novo panoptismo dos métodos da gestão toyotista – no processo de obtenção das metas pelas equipes de trabalho, *cada um é "carrasco" de si e do Outro como próximo* (ALVES, 2010b, p. 52). Enfim, não há chefias externas imediatas para o controle, mas o capital adota mecanismos de poder mais sofisticados de forma que os valores da empresa estejam introjetados em cada um dos trabalhadores, que passam a se identificar com os mesmos objetivamente ajustando

<sup>2</sup> O trabalhador passou a confundir o interesse da firma com o seu, o que permitiu que sua força de trabalho sofresse maior exploração (CAPELAS, NETO E MARQUES, 2010).

<sup>3</sup> "A subjetividade é assim tomada, como um recurso a mais a ser manipulado, um engodo por parte do capital, para que os trabalhadores, crendo que sua subjetividade foi reconhecida, ponham a serviço do capitalismo seu potencial físico, intelectual e afetivo" (HELOANI, 2003, p. 106).

suas estruturas mentais às estruturas político-sociais da empresa. Manipula-se não apenas o outro-como-próximo, mas a si próprio.

Essas formas de controle sutil sofisticam-se de tal maneira, que a dominação como meio de exercício do poder estará mais baseada na introjeção dessas normas ou regras das organizações do que numa repressão mais explícita. A empresa toyotizada [grifo nosso] lidará basicamente com a gestão dessa dimensão psicológica de dominação (HELOANI, 2003, p. 102).

Assim, não somente no trabalho social e no contexto produtivo, mas a vida cotidiana e a reprodução social são marcadas pela intensificação da manipulação sistêmica do capital. Com isso, o “trabalho ideológico” (ALVES, 2010b, p. 43) tende a ocupar uma função crucial no desenvolvimento da esfera do trabalho adotando a ideologia como recurso sistêmico de controle/manipulação social dando-lhe um sentido negativo enquanto falsa consciência. Desse modo, o “trabalho ideológico” tende a reforçar, intensificar e ampliar o sentido do trabalho capitalista como trabalho estranhado.

Trabalho estranhado, portanto, enquanto alienação da atividade produtiva ou do ato da produção. O trabalhador assalariado não se identifica com o processo de trabalho no qual está inserido e seu fazer assume a condição do trabalho como *tripalium*, isto é, sofrimento. Marx (1988) assim observa que uma consequência imediata do fato de o homem estar alienado do produto de seu trabalho, da sua atividade vital, do seu ser genérico, é o homem estar alienado do homem.

Ao estar alienado da vida do ser genérico do homem, o trabalhador assalariado está alienado da vida social propriamente dita, isto é, alienado de si e dos outros. Nesse caso, trata-se da dessocialização do homem: ao alienar-se de si, por conta da alienação do produto e da auto alienação (que é alienação da vida genérica do homem), o homem se aliena de outros homens. É a própria negação da sociabilidade humana, o lugar da barbárie social (ALVES, 2010a, p. 25).

Desse modo, enquanto efeito do trabalho ideológico, a “captura” da subjetividade do homem que trabalha é uma escolha pessoal alienada, sendo um tipo de servidão voluntária que despessoaliza o trabalho vivo por meio de dispositivos de desconstrução da pessoa humana<sup>4</sup>. A desefetivação humano-genérica do trabalhador, que é o próprio processo de estranhamento social, é a sua dessubjetivação. Ora, na sociedade burguesa, a sociedade do fetichismo social, o processo de reprodução sistêmica ocorre por meio do processo de dessubjetivação do trabalho vivo e de sua classe, que é a forma mais desenvolvida, nas sociedades mercantis complexas, da desefetivação do trabalhador ou desefetivação humano-genérica (ALVES, 2010b, p. 14).

<sup>4</sup> Sob o capitalismo manipulatório, o foco privilegiado é o EU das individualidades pessoais de classe. É o que podemos denominar de “capitalismo Você S/A”. Por isso, o apelo às ideologias do empreendedorismo e trabalho por conta própria que abusam da noção de “talentos humanos” ou mesmo de “capital humano” (ALVES, 2010b).

Podemos dizer assim que a nova morfologia social do trabalho que emerge com o capitalismo global caracteriza-se por dinâmicas psicossociais que implicam no que Alves (2010b) coloca como a (1) dessubjetivação de classe, (2) a “captura” da subjetividade do trabalhador assalariado e (3) redução do trabalho vivo à força de trabalho como mercadoria.

No capitalismo global os coletivos de trabalho são reestruturados produtivamente segundo o espírito do toyotismo, cuja regulação salarial é baseada na “captura” da subjetividade do homem-que-trabalha, com a constituição das equipes de trabalho, a adoção da remuneração flexível e a perseguição de metas de trabalho. Desse modo, cada dispositivo organizacional da gestão toyotista possui um sentido de dessubjetivação das individualidades pessoais de classe.

Com a adoção da remuneração flexível ligado ao plano de metas, o trabalhador assalariado torna-se o “carrasco de si mesmo”, termo cunhado por Alves (2010b) para exemplificar a administração *by stress* toyotista que em sua lógica de redução de custos, atinge principalmente os “recursos humanos”. Os novos métodos de gestão baseados no “espírito” do toyotismo visam constranger (e emular) a força de trabalho no sentido de envolver a subjetividade operária nos requisitos do novo produtivismo e, deste modo, operar a “redução” do trabalho vivo à força de trabalho como mercadoria.

Assim, submetido à pressão contínua em seu trabalho, o homem que trabalha tende a entrar cada vez mais na excessiva competição estimulada pelas empresas que visam receber “fidelidade e competência” do trabalhador no exercício de suas funções. A ideologia do *team* (trabalho em equipe) promove disputas entre os trabalhadores de forma que adentrem na lógica da manipulação reflexiva e vigiem (e avaliem) uns aos outros, compartilhando dos mesmos valores particularistas a serviço do capital.

A manipulação reflexiva se constitui no interior desse campo ético-moral que mobiliza os sujeitos de classe e que nos evidencia a grande farsa da idéia de equipe (*team*), pois na verdade as individualidades pessoais de classe no interior das equipes são subjetivamente concorrentes e ética-estética-politicamente cooperativas<sup>5</sup>.

Assim, exige-se do trabalhador que, ao mesmo tempo em que, vença adversidades, seja também capaz de trabalhar em equipes, e, supere obstáculos para, diante do fracasso, apenas culpar a si próprio. Incentiva-se desse modo, a formação de

---

<sup>5</sup> A subjetividade do homem que trabalha está a todo o momento sendo convocada para se posicionar, assumindo para si uma responsabilidade que não é sua (ALVES, 2010b, p. 48).

personalidades resilientes adequadas às novas exigências da acumulação flexível. “Riscos” e “capacidade de lidar com as adversidades de mercado” devem adentrar ao vocabulário ideológico do trabalhador enquanto forma de ser de seu cotidiano. Eis a dimensão da perversidade do trabalho flexível nas empresas toyotizadas: o trabalhador passa a partilhar sua própria dominação ainda que não integralmente. Assim, com o *ethos da promessa* (BENDASSOLLI, 2009) burguesa, sedutora e cativante contribui para que, somente se o indivíduo tiver algo, ele será alguém, de forma que tal característica explicita a fetichização das coisas no mundo social do capital. Ou seja, diante do fracasso, o indivíduo - que não conseguiu ser um “empreendedor” na ótica do capital – deve culpar somente a si próprio.

O homem que trabalha tendo sua subjetividade “capturada” pela gestão toyotista vê-se se adaptando ao “tempo de trabalho”, às necessidades produtivas e financeiras. A adaptabilidade e a flexibilidade são exigidas em mão única: cabe ao homem que trabalha adaptar-se ao tempo da empresa e não o inverso. Assim, é preciso que seu tempo seja útil, produtivo e, portanto, ocupado. A desocupação é insuportável às individualidades pessoais de classe sob o capitalismo global. Têm-se o fenômeno da “vida reduzida”.

Alves (2011, p. 49) nos diz que a “vida reduzida” é antípoda à “vida plena de sentido” que o homem que trabalha é incapaz de ter no sistema social do capital. Com a vida reduzida o capital avassala as possibilidades de desenvolvimento humano-pessoal dos indivíduos sociais, na medida em que ocupa o tempo de vida das pessoas com a lógica do trabalho estranhado e a lógica da mercadoria e do consumismo desenfreado<sup>6</sup>.

Assim, em nossa sociedade burguesa tardia, a esfera de consumo se amplia, incorporando não apenas produtos-mercadorias que satisfazem as necessidades do estômago, mas, como observa Marx, as necessidades da fantasia. O melhor exemplo é a indústria cultural que envolve homens e mulheres na sociedade do capital; e, diga-se de passagem, não apenas operários e empregados, mas todas as individualidades humanas, inclusive (e principalmente) jovens e crianças que ainda não trabalham.

Pouco a pouco o espaço privado é também reestruturado seguindo a lógica da gestão toyotista de forma que as novas tecnologias informacionais permitem que o trabalhador instale seu escritório em seu domicílio. Há, conforme exposto por Gaulejac

---

<sup>6</sup> “Por causa desta manipulação, o operário, o homem que trabalha, é afastado do problema de como poderia transformar seu tempo livre em *otium*, porque o consumo lhe é instilado sob a forma de uma *superabundância de vida com finalidade em si mesma*, assim como na jornada de trabalho de doze horas a vida era ditatorialmente dominada pelo trabalho” (LUKÁCS, 1976).

(2007, p. 180) uma colonização do espaço e do tempo "pessoal". O que resta de "tempo livre" é progressivamente dominado por preocupações de rentabilidade e de intensidade. A ideologia da gestão toyotista que se encontra imersa no campo da reprodução social indica que o tempo livre deve ser aproveitado da melhor forma possível. Contra o risco de possível desocupação por parte do indivíduo, convém tornar produtivo cada momento.

Tal filosofia da "vida reduzida" proposta pela gestão toyotista é instilada já nos primeiros anos de vida das individualidades de classe. A criança é formada para tornar seu tempo rentável, de forma que possa colher os "bons frutos do sucesso" quando atingir sua maturidade. Cursos de músicas, danças, línguas, atividades esportivas, cursos particulares, recreações formativas e distrações instrutivas visam complementar sua formação escolar a fim de lhe proporcionar um dia cheio que lhe permita acumular uma bagagem de conhecimentos adequados à sociedade do conhecimento que vivemos e que possam ser usufruídos pelo capital no futuro<sup>7</sup>.

Portanto, os espaços de consumo sob o capitalismo manipulatório<sup>8</sup> aparecem como espaços da pedagogia da mercadoria, onde homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, são educados, a reduzirem a fruição da vida ao deleite do consumismo. O ato de viver torna-se mero ato de consumir.

O mundo social do capitalismo tardio, segundo Lukács, é marcado pelo estranhamento em suas múltiplas dimensões. Lukács salienta o estranhamento no trabalho, tendo em vista que, para ele, o trabalho continua sendo uma experiência indigna para o homem que trabalha. E destaca também o estranhamento no consumo: liberado do tempo de trabalho, os indivíduos não encontram uma vida plena de sentido.

Na medida em que a sociedade burguesa torna-se uma imensa coleção de mercadorias, impregnadas de seu fetiche, a liberação relativa do homem que trabalha da alienação do trabalho estranhado, apenas o coloca à mercê de outro senhor: a mercadoria. Para Lukács, embora seja necessária, a luta pela redução da jornada de trabalho *não* é suficiente para criar as bases materiais da emancipação social do proletariado. Enfim, na ótica lukacsiana, coloca-se hoje, mais do que nunca, a necessidade de formar sujeitos humanos capazes de transformar o tempo livre em

---

<sup>7</sup> Os pais investem seus filhos como um capital que convém valorizar, aplicando a lógica de uma gestão de recursos humanos para sua educação (GAULEJAC, 2007, p. 180).

<sup>8</sup> Georg Lukács denominou o capitalismo do pós-II guerra mundial de "capitalismo manipulatório". Na verdade, sob o capitalismo tardio, a manipulação torna-se nexa essencial do metabolismo social, penetrando os vários poros da vida cotidiana. A manipulação torna-se a matriz estruturante e estruturadora da alienação em sua forma intensa e ampliada, contribuindo, deste modo, para a desefetivação do ser genérico do homem (ALVES, 2010, p. 57).

otium, rompendo com a ânsia propagada pela lógica da mercadoria de transformar o tempo livre em tempo de consumo como finalidade em si mesma.

O estranhamento perpassa, portanto não apenas o ato de consumo, mas, como vimos, o processo de trabalho como processo de valorização em seu núcleo essencial. O trabalho, como observa Marx, permanece sempre, necessariamente, o reino da necessidade. Hoje, mais do que nunca, o trabalho destrói a vida, no sentido da vida como campo de desenvolvimento humano. É o que atestam hoje as estatísticas sobre adoecimentos no mundo do trabalho, por conta das pressões por maior produtividade e cumprimento de metas, com metas desumanas e metas humanamente impossíveis. Na verdade, por mais que se tente "humanizar" os ambientes de trabalho, o trabalho capitalista não deixa de ser um trabalho estranhado no sentido de ser um trabalho para outrem, o outro estranhado, o capitalista.

Assim, a dinâmica histórica posta pelo novo metabolismo social do trabalho com a nova precariedade salarial instaura um complexo de crises que decorrem do processo de precarização do homem-que-trabalha: (1) crise da vida pessoal, (2) crise de sociabilidade e (3) crise de autorreferência humano-pessoal (ALVES, 2011, p. 51).

A crise da vida pessoal é a crise do homem com seu espaço de vida. A redução do tempo de vida a tempo de trabalho estranhado enquanto operação cotidiana de despersonalização do homem em mercadoria. Eis o significado essencial do que podemos chamar de barbárie social.

A crise de sociabilidade é a crise do homem com outros homens e o dilaceramento dos laços sociais que constituem a sociabilidade humano-genérica. Com o mercado cada vez mais mutável impregnando-se com a lógica espaço-tempo do capital financeiro passa-se a pensar em curto prazo e as mudanças (forçadas) de emprego, ou mesmo de carreira, durante a vida do homem que trabalha tornam-se mais comuns. Os homens tornam-se mercadorias por eles mesmo vendáveis enquanto "serviços" perdendo suas qualidades de relação entre indivíduos e grupos situados histórica e socialmente, para se tornar uma relação entre coisas<sup>9</sup>.

Já a crise de autorreferência pessoal decorre da intensificação da manipulação/ "captura" da subjetividade do homem que trabalha, pelo capital. Primeiro reduz o

---

<sup>9</sup> O novo metabolismo social do trabalho sob o capitalismo flexível, ao disseminar a insegurança (e incerteza) de contratos de trabalho flexíveis, obstaculiza a tessitura de espaços de interação social como lugares de partilha de experiências coletivas (ALVES, 2011, p. 52).

homem, como ser genérico, à força de trabalho, como mercadoria. Segundo, ameaça, no plano imaginário, simbólico e real, as individualidades pessoais de classe com a demissão de sua força de trabalho. É um mote ideológico para constranger a autoestima e abrir, no “espaço interior” da subjetividade humana, “brechas” para a emulação paradoxal de operários e empregados implicados no trabalho estranhado (ALVES, 2011, p. 53).

Desse modo, a vida cotidiana sob a *sociedade do estranhamento fetichizado* (ALVES, 2010b, p. 58) não propicia uma vida plena de sentido, mas uma vida social marcada pela inautenticidade, onde a farsa tende a impregnar os constructos ideológicos nas várias instâncias da vida cotidiana. A farsa impregna a dinâmica do sistema social, permeando a constituição das subjetividades de classe. Assim, o homem burguês – modelo humano que impregna a sociabilidade de classe – é um homem farsante.

Tal constructo ideológico da farsa opera a dialética negativa entre sonho e realidade. Sob o capitalismo global, que é o capitalismo manipulatório, as individualidades pessoais de classe estão intensamente dilaceradas por contradições vivas dentro (e fora) de si. O trabalho estranhado é uma atividade laboral sem sentido para o homem que trabalha. Na medida em que não encontra sentido em sua atividade vital, o homem que trabalha ausenta-se de si. Uma parte de si não está consigo. Na verdade, o homem que trabalha no capitalismo é um homem cindido tendo em vista que está alienado de si e dos outros – eis o significado candente da alienação do trabalho capitalista: com o sociometabolismo da barbárie, o núcleo humano-genérico das individualidades pessoais de classe está ameaçado de desefetivação (ALVES, 2010b, p. 58).

Em consonância com Alves (2010a) de que sob o capitalismo manipulatório, somente a arte realista é capaz de nos redimir da barbárie social vemos de que forma a arte aliada à razão dialética é de fato o único modo capaz de nos fazer compreender o trabalho como esforço intelectual aplicado à produção de um conhecimento, uma obra de arte, um opus, uma vida cheia de sentido.

## **Desenvolvimento**

Os grandes filmes do cinema mundial comumente contribuem para a experiência da catarse, elemento imprescindível do processo de formação dos sujeitos humano-genéricos. Como observa Celso Frederico, “a palavra catarse, usada originalmente na

medicina, significa 'purgação'. Aristóteles estendeu para a estética o termo da catarse para mostrar que a arte tem como função a 'purificação': por meio da vivência artística, o homem experimenta uma pacificação, uma liberação das emoções" (FREDERICO, 2000).

A experiência de análise crítica de filmes é uma experiência catártica, de forma que, como observava Lukács (1968), na fruição da obra de arte, o espectador possa suspender sua vivência cotidiana alienada e se reencontrar com o gênero humano, confrontando-se com os eternos problemas da espécie humana que o artista conformou num contexto particular, rico e estreito. Porém, tal efeito emocional provido pela obra de arte cinematográfica nos serve apenas como *médium* do exercício hermenêutico crítico de forma que se torna imprescindível ir além da embriaguez momentânea da fruição estética. Ou seja, ir além da tela. Desse modo, busca-se apreender o filme não apenas como um *texto*, mas como um *pré-texto* capaz de nos conduzir à autoconsciência reflexiva do nosso tempo histórico e enquanto meio estético que propicia a reflexão crítica sobre o mundo social do capital.

Como dissemos, o filme é um *médium* capaz de propiciar uma dinâmica reflexiva sobre o mundo social para além da tela do cinema. Por isso, a metodologia a qual nos apoiamos, baseada no *Projeto Tela Crítica* elaborada pelo Prof. Dr. Giovanni Alves (2010a) não propõe uma sociologia do cinema, mas sim, um enlace entre sociologia e cinema visando utilizar a obra fílmica como meio estético para propiciar uma reflexão crítica sobre o mundo burguês. A idéia é discutir *a sociedade a partir do filme*, mais do que discutir *o filme a partir da sociologia*.

A metodologia do *Projeto Tela Crítica* nasce da idéia do cinema como experiência crítica. Nela utilizamos o conceito de *experiência crítica*, tomado de Jean-Paul Sartre (1960); e utilizamos também elementos da *hermenêutica dialética* de Hans-George Gadamer (2002) e da *teoria da recepção* de Wolfgang Iser (1999) para sugerir uma proposta de interpretação crítica.

Para resumirmos de forma vulgar e sintética as teorias descritas acima que baseiam a metodologia apropriada, temos que: (1) o conceito de *experiência crítica* disposto por Sartre (1960) e adaptado ao nosso método, trata o filme - o objeto artístico - como capaz de provocar reflexão (e não mero entretenimento) ao sujeito-receptor, tornando-o não mero espectador, mas sim, produtor/organizador de cultura por meio da ressignificação do objeto artístico. "Eis o sentido da *experiência crítica* – o homem é obrigado a ir além da coisa que provoca. Assim, *tela crítica* significa ir além da tela"

(ALVES, 2010a, p. 25). Todo objeto artístico, em si, como objeto cultural, é resultado de um carecimento. A grande arte se origina da falta que há na interioridade do ser genérico do homem e a possibilidade de uma experiência crítica frente a ela, que só adquire um sentido histórico efetivo (positivo) na medida em que buscar o coletivo, isto é, a autoconsciência crítica de si e do mundo conforme descrito por Lukács (1968).

(2) A tarefa da *hermenêutica dialética* desenvolvida por Gadamer (2002), resume-se em “distinguir os preconceitos que cegam dos que esclarecem”, ou seja, é a tomada de consciência com relação aos nossos preconceitos e crenças individuais, retirando-lhes o caráter extremado e por vezes negativo, ressignificando-os e os tornando capaz de explicitar as legítimas ideias da compreensão verdadeira da obra fílmica, tendo em consciência, o entendimento do conceito de *distância temporal* que existe muitas vezes entre o filme e a *perspectiva histórica de classe* do sujeito-receptor. Não se despreza o valor desta *distância temporal* no processo crítico-hermenêutico, porém a *perspectiva histórica de classe* é o que realmente produz a filtragem do que é ou não autêntico na obra de arte. Como dissemos, para Alves (2010a), *Tela Crítica* deve significar e possibilitar o “ir além da tela” ou o filme como meio para uma autorreflexão crítica da modernidade do capital no sentido de superar o passado e os preconceitos adquiridos do mesmo tempo histórico, e formar sujeitos humanos que possam negar o mundo social do capital que se (im)põe com toda força às individualidades pessoais de classe.

(3) O cinema como *arte total* é capaz de promover uma empatia sublime. Tal como Gadamer (2002) e sua hermenêutica dialética, Wolfgang Iser (1999) acredita no autoconhecimento enriquecido que nasce de um encontro com o não-familiar. A partir de sua *teoria da recepção*, Iser (1999) nos diz que a obra de arte interroga e transforma as crenças implícitas com as quais abordamos, “desconfirma” nossos hábitos rotineiros de percepção e com isso nos força a reconhecê-los, pela primeira vez, como realmente são. Por isso que a análise crítica do filme não é mera aplicação de um conteúdo sociológico prévio no mesmo, mas, em lugar de reforçar as percepções cognitivas que temos, o filme realista transgride esses modos normativos de ver e com isso nos ensina novos códigos de entendimento (ISER, 1999).

O processo de *experiência crítica* (Sartre) não se dá pela mera “aplicação” destes conteúdos cognitivos prévios, sendo importante destacar que uma *hermenêutica dialética* (Gadamer) do filme exige do sujeito-receptor a *recepção* (Iser) do filme como espaço de problematização crítica do entendimento prévio de modo que a verdadeira

compreensão crítica de si e do mundo nunca irá emergir espontaneamente, mas sim, por meio da *experiência catártica* que o filme proporciona tal qual no caso da análise psicanalítica em que o papel do analista é decisivo enquanto mediação exterior, embora não interfira, de forma direta, na experiência crítica do analisando.

## Conclusão

Como dissemos, na metodologia em questão, o analista não “aplica” meramente a teoria à estrutura narrativa do filme, mas, pelo contrário, na medida em que elabora a análise crítica do filme surgem importantes *insights* teóricos que são verdadeiras contribuições às ciências sociais críticas, no exercício pleno da imaginação sociológica. Durante a dinâmica, revela-se a capacidade de criar teoria crítica – conceitos e categorias sociais – a partir da narrativa fílmica buscando encontrar, muitas vezes, uma linha de interpretação crítica coerente e pertinente ao eixo temático essencial exigindo-se um grande esforço intelectual. Nesse momento, ao mesmo tempo em que se busca analisar o filme, procede-se dialeticamente a explicação categorial que visa *ressignificar as imagens do filme*. Desse modo, a dinâmica de análise fílmica implica etapas de pesquisa da forma do filme, autorreflexão pessoal, apreensão de cenas significativas, preparação teórico-crítica e elaboração final de ensaio crítico (ALVES, 2010a, p.65).

Para Francastel (1993) a leitura de uma obra de arte requer tempo e esforço e que, em nenhum momento, uma obra de arte, seja qual for, está em conformidade com uma representação mental precisa – que seria imagem no sentido psicológico e não figurativo do termo. O artista/diretor teve por vezes – não necessariamente sempre – num instante a visão de um fim a atingir; certamente ele jamais materializou instantaneamente essa intuição fundamental que seria pobre se não se tornasse o centro de uma reflexão durável e se não pudesse sugerir em seguida a outros não somente o instante fugidio da intuição, mas o processo de pensamento no fim do qual veio a criação.

Portanto, é possível utilizar a obra de arte como objeto de reflexão sociológica numa perspectiva dialética e o cinema como experiência crítica habilita o sujeito-receptor a abrir uma nova ordem de totalizações das experiências vividas e percebidas<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> “Estou seguro que as ciências históricas e filosóficas muito têm a ganhar com uma consideração mais atenta dos fatos artísticos. Estou também seguro que a ciência da arte e a própria arte tem muito a ganhar com uma apreciação melhor de seu papel psicológico e técnico na vida das sociedades. Apreciaremos melhor a arte do passado, - e a do presente - se lhe conhecermos melhor a significação humana. Longe de

Contudo, o sujeito-espectador não é apenas mero receptor, mas sim, produtor/organizador de cultura por meio da ressignificação do objeto artístico<sup>11</sup>. Assim, ao “dialogar” com a obra fílmica, o sujeito-receptor dialoga, de certo modo, com sua tradição histórico-existencial. O filme é apenas o elo mediador capaz de contribuir para a autorreflexividade crítica do sujeito-espectador. Tão logo descubra o eixo temático essencial, o sujeito-receptor discerne os elementos compreensíveis no filme e esboça um projeto de esmiuçar os elementos significativos e eixos-temáticos para todo o texto fílmico.

Com isso, quando o pesquisador social toma a obra fílmica como objeto central de estudo para a compreensão, - em nosso caso, buscando compreender a perversidade da gestão no capitalismo global que contribui para a barbárie social -, ele se depara frente à impossibilidade de uma análise total e perfeitamente acabada, visto que sua análise só é alcançada por meio de hipóteses. Dessa forma, entende-se que a obra cinematográfica é suscetível a abordagens muito diversas, uma vez que não existe uma única teoria sobre cinema, ao contrário, existem várias teorias que correspondem a cada uma dessas abordagens possíveis do filme.

A arte é, pois, atualmente, a expressão de grupos humanos distintos simultaneamente da sociedade global e das classes sociais, definidas por oposição de interesses. (...) Se o estudo do caráter estético das obras oferece, pois um terreno de estudo relativamente fácil e bem determinado, a investigação sobre os aspectos significativos e sociais da arte se apresenta como infinitamente mais delicada. Para ser exato, cada época deve ser abordada com um método diferente. É certamente permitido, entretanto, propor algumas direções gerais e alguns objetos precisos à pesquisa (FRANCASTEL, 1993, p. 42).

Desse modo, o método dialético *Tela Crítica* visa analisar o mundo social em sua etapa-histórica do capitalismo manipulatório por meio de dinâmicas de análise crítica de filmes. Para isso utiliza-se do cinema como instrumento de reflexão crítico-sociológica tendo como finalidade discorrer, através das obras fílmicas, sobre a precarização do mundo do trabalho e os modelos de gestão adotados no capitalismo global que visam a barbárie social de nosso tempo histórico. Adotam-se procedimentos de análise crítica que implicam numa longa imersão reflexiva do sujeito-receptor-

---

fanar pela reflexão, nossa sensibilidade estética só pode se refinar pelo estudo.” (FRANCASTEL, 1993, p. 48).

<sup>11</sup> “O homem que trabalha como criador é instigado a ir além da criatura como prévia-ideação e teleologia de seu próprio criador. Nesse retorno do objeto/coisa que provoca sobre o sujeito, que Lukács caracteriza como sendo um momento da “alienação” (no sentido positivo). Eis o sentido da *experiência crítica* – o homem é obrigado a ir além da coisa que provoca. Assim, tela crítica significa ir além da tela. Portanto, inverter aquele em-si do objeto artístico num para-si humano-genérico.” (ALVES, 2010b, p. 25)

analista na forma e no sentido do filme, desenvolvendo também um processo de aprendizagem crítica a partir da discussão da narrativa fílmica a partir da adoção do método dialético à um rigoroso compromisso com a objetividade científica do conhecimento social.

É importante esclarecer que a análise crítica de um filme não é imparcial e, portanto não compartilha as ilusões da neutralidade positivista como dissemos. Baseia-se em pressupostos irremediavelmente ideológicos, o que não significa que seja arbitrária e imbuída de subjetivismos, mas sim, busca identificar e trazer à luz os fatos que não conhecemos ou os aspectos imanentes à obra cultural (como o filme realista) que possamos desconhecer (e estranhar) em virtude desta identidade da não identidade entre sujeito e objeto (LUKÁCS, 1988).

Assim, a título de exemplo, temos que muitos cineastas no século XX trataram, direta ou indiretamente, do drama trágico da proletariedade, expondo com suas obras fílmicas, visões da modernidade do capital com suas candentes contradições sociais que dilaceram o ser genérico do homem. Seria temerário expor uma lista exaustiva de nomes de diretores do cinema mundial que contribuíram com filmes realistas capazes de permitir a apropriação do cinema como experiência crítica a partir do eixo temático Trabalho e Cinema, tratando com desenvoltura da condição de proletariedade, o trabalho alienado, a luta de classes e suas repercussões no plano da consciência social, não apenas no plano ficcional, mas no plano documental.

Ora, se por um lado a constituição dos interesses dominantes na cultura pode mudar, por outro, a função da hegemonia não; ela atua para manter o *status quo*. Assim, para lidarmos com a ideologia do cinema temos que proporcionar uma intuição imediata dos sistemas de significado da cultura e das maneiras como esses sistemas permeiam todo tipo de prática social. Desse modo, o processo de leitura de um filme será sempre complexo. Deixá-lo que nos sugira conceitos no sentido da promoção de insights teóricos exigindo do sujeito-espectador-habilitado imaginação sociológica é ainda mais complicado.

Turner (1997, p. 155) nos diz que todo mundo lê "filmes". De fato, a análise minuciosa, formal, de um objeto fílmico é ainda mais complexificada quando tratamos da extração dos elementos fundamentais da narrativa ou do estilo visual que a película nos apresenta. Na visão ontológica de Lukács (1968), a arte é uma atividade que parte da vida cotidiana para, em seguida, a ela retornar, produzindo nesse movimento reiterativo uma *elevação* na consciência sensível dos homens.

Assim, mesmo nesta aproximação introdutória e que passa por constantes processos dialéticos (no sentido de superar conservando) de se repensar, o método de análise irá sempre nos levar mais longe do que se poderia esperar na construção do texto. Deve-se apenas manter o foco de que o objetivo da análise seja essencialmente, como salientou Lukács, partir da vida social para o pré-texto e deste, o retorno à cultura que o produziu na direção de transformá-la.

Enfim, nosso eixo temático que trata de “perversidade da gestão e barbárie social” não é apenas um tema de reflexão crítica entre outros, mas é o tema fundamental do cinema como experiência crítica capaz de devolver, com as devidas pretensões, à arte cinematográfica a possibilidade de nos redimir da barbárie social que aflige hoje, o mundo do capital nos marcos das novas formas empregadas de gestão do homem que trabalha no capitalismo global.

### Referências

ALVES, Giovanni. **Tela Crítica – A Metodologia**. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2010a.

\_\_\_\_\_. Trabalho, capitalismo global e “captura” da subjetividade: uma perspectiva crítica. In: NAVARRO, Vera Lúcia et. al. **Avesso do trabalho II: trabalho, precarização e saúde do trabalhador**. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.

\_\_\_\_\_. Trabalho flexível, vida reduzida e precarização do homem que trabalha: perspectivas do capitalismo global no século XXI. In: ALVES et al (Org.). **Trabalho e saúde: a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI**. São Paulo: LTr, 2011.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Os fetiches da gestão**. Aparecida: Idéias e Letras, 2009.

FRANCASTEL, Pierre. **A Realidade Figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

FREDERICO, Celso. Cotidiano e arte em Lukács. In: **Revista Estudos Avançados n° 14**, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ed. Idéias e Letras, 2007.

HELOANI, José Roberto. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUKÁCS, Georg. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem, **Revista Temas de Ciências Humanas**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1988.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma Estética Marxista – sobre a categoria da particularidade.** Trad: Nelson Coutinho; Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. **Ontologia Dell`Essere Sociale**, I, Rom: Ed. Riuniti, 1976.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**, Livro 1, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética.** Rio de Janeiro: Editora DP&A, 1960.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus, 1997.